

ABRALIN EM CENA AMAZONAS ANAIS

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

organização

Juciane Cavalheiro
Carlos Renato R. de Jesus
Jeiviane Justiniano



Abralin em Cena Amazonas

Anais

Universidade do Estado do Amazonas

**Abralin em Cena Amazonas
Anais**

Juciane Cavalleiro
Carlos Renato R. de Jesus
Jeiviane Justiniano
(Organizadores)

Manaus - AM
2014

Governo do Estado do Amazonas

José Melo de Oliveira | Governador

Universidade do Estado do Amazonas

Cleinaldo de Almeida Costa | Reitor

Mário Augusto Bessa | Vice-Reitor

Marcos André Ferreira Estácio | Pró-Reitor de Administração

Fabiana Lucena Oliveira | Pró-Reitora de Planejamento

Luciano Balbino dos Santos | Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Maria Paula Gomes Mourão | Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

André Luiz Nunes Zogahib | Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

Mauricio Matos | Capa e projeto gráfico

CAVALHEIRO, Juciane; JESUS, Carlos Renato R.; JUSTINIANO, Jeiviane (orgs.).
Abralín em Cena Amazonas: Anais. Manaus: UEA Edições, 2014.

ISBN 978- 85-7883-280-3

Comissão organizadora

Juciane Cavalheiro (UEA) - Coordenação geral

Aline Neves (UEA)

Allison Leão (UEA)

Carlos Renato R. de Jesus (UEA)

Claudiana Narzetti (UEA)

Eduardo Cardoso Martins (UFAM)

Esteban Reyes Celedón (UFAM)

Fátima Pessoa (UFPA)

Jeiviane Justiniano (UEA)

Lorena Nobre Tomás (UEA)

Maria Luiza Cruz Cardoso (UFAM)

Marília Ferreira (UFPA)

Mauricio Matos (UEA)

Raynice Geraldine Pereira da Silva (UFAM)

Renata Nobre Tomás (UEA)

Silvana Andrade Martins (UEA)

Valteir Martins (UEA)

Comitê Científico

Dra. Ana Lygia Almeida Cunha (UFPA)

Dr. Dermeval da Hora (UFPB)

Dr. Esteban Reyes Celedón (UFAM)

Dra. Juciane Cavalheiro (UEA)

Dra. Fátima Pessoa (UFPA)

Dra. Marília Ferreira (UFPA)

Dra. Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)

Ms. Simone Negrão de Freitas (UFPA)

Dr. Thomas Massao Fairchild (UFPA)

Monitores:

Ana Noelia Nates (UEA) - Coordenadora
Ana Claudia da Silva Ribeiro (UEA)
Bruna Kellen Almeida Tavares (UFAM)
Caroline Baldoino de Sousa (UEA)
Claudia Maria de Serrão Pereira (UFAM)
Eduardo Rodrigues Leão (UEA)
Hewertton Ferreira Verçosa (UEA)
Jamerson Eduardo Reis Silva (UEA)
Jéssica Gonzaga Napoleão Valois (UEA)
Kassiane C. Cardoso (UEA)
Leone Gabriel Belém Santana dos Anjos (UEA)
Letícia Pinto Cardoso (UEA)
Lílian Clara Pereira Lisboa (UEA)
Mário Douglas Teixeira (UEA)
Mayara Diegra Leandro dos Santos Rocha (UEA)
Micaelly Jerônimo Rocha (UFAM)
Priscila Amato de Verçosa (UEA)
Rebecca Andrade da Silva Costa (UEA)
Rosemara Arival de Souza (UEA)
Sindia Lena Rocha de Siqueira (UEA)
Wesley Pereira Uchiyama (UEA)

Sumário

Apresentação	12
A crônica no centro do jogo - um encontro com o gênero	13
A fala dos moradores do bairro Itaúna I	26
Efetividade do modelo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa: um estudo sobre a concordância nominal e verbal	35
Ensino de inglês e novas tecnologias na Educação Básica	47
Português para falantes de outras línguas: análise de livro didático	64
O retrato do caboclo na dicção poética de Alfredo Saunier	76
Aspectos da gramatização da Libras: acontecimentos linguísticos e políticos	86
A morfologia da fala dos moradores do Centro da cidade de Parintins-Amazonas	97
Dicionário escolar: uma abordagem variacionista.....	113
Um resgate histórico da cidade de Parintins a partir de relatos de antigos moradores e a análise morfológica de suas linguagens	127
Ensino de leitura na alfabetização: o que deve ser feito?	140
O “duplo vocabulário” e a variação lexical na língua apurinã (aruák).....	149
La introducción de los marcadores del discurso en los manuales didácticos para la enseñanza fundamental del ele en Brasil	162
Reflexões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais e o processo de alfabetização na escola.....	177
Problemas de alfabetização observados no 6º ano	192
A presença do léxico indígena nas toadas de boi-bumbá de Parintins	207
Variação linguística a partir do jornal Manaus Hoje: um estudo quanto ao reconhecimento das variações linguísticas em um ambiente escolar.....	226
Análise acústica das vogais médias pretônicas dos dados de fala lida de Belém (PA).....	237

A prática de gramática no ensino fundamental de uma escola da rede estadual de ensino em Manaus/AM.....	251
O Discurso identitário de jovens e adultos em escolarização em Manaus	281
A evolução dos suportes de leitura e suas implicações no perfil do leitor	296
Etnolinguística e leitura: um estudo de caso sobre o perfil leitor de alunos da escola pública municipal de Manaus	308
A abordagem de gêneros textuais: influências nas produções oral e escrita	324
Língua escrita e falada e as orientações dos PCN's: conteúdos em sala de aula após 15 anos do documento.....	333
Aulas de língua portuguesa e de cidadania: a experiência dos alunos da Escola Estadual “Maroja Neto”, de belém (pa), no projeto Câmara Mirim 2013	349
Ciência sem Fronteiras: o nome sob a perspectiva da semântica do acontecimento.....	362
Variação de nasalidade vocálica em Barreirinha-Amazonas: palavras com a palatal nh.....	375
A valorização do profissional na cena midiática: a prática discursiva das revistas destinadas a segmentos profissionais	387
Análise semiótica do conto “Pescadores”, de Arthur Engrácio.....	398
As metáforas conceptuais na Língua Brasileira de Sinais.....	409
A visão da gestão escolar sobre a heterogeneidade nos níveis de proficiência linguística dos alunos de escola pública em Boa Vista – Roraima	420
Gíria imagética na perspectiva da Semiótica: pichação e grafite	430
Morfologia do dialeto dos moradores do bairro Itauna II	441
Recriações poéticas do cavaleiro da triste figura: um panorama das recriações em verso do <i>Quixote</i> no brasil	449
A proposta de unificação da ortografia munduruku: uma ação para o fortalecimento do ensino nas escolas indígenas	464
O tratamento da oralidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental: concepções teóricas e metodológicas do desenvolvimento da expressão oral em sala de aula	478
Escala de transitividade na língua apurinã	492

Dificuldades de alfabetização em leitura e escrita de jovens e adultos.....	508
Adaptação do questionário semântico-lexical do ALIB com vistas à aplicação no Atlas Linguístico-etnográfico Quilombola do Nordeste paraense.....	520
Um tratamento descritivo para os indexicais em wapixana	532
A crise do masculino em "A Terceira Margem do Rio"	547
Análise morfológica da fala dos moradores do bairro Emílio Moreira.....	554
Progressão textual, processos de referenciação, níveis de letramento na produção de textos de estudantes das séries iniciais.....	561
Análise morfológica da fala dos moradores do bairro Paulo Corrêa.....	574
Reflexões sobre o ensino da escrita no Ensino Médio	584
Análise morfológica da linguagem dos moradores do Bairro da União.....	593
O uso da linguagem não-verbal em aulas de E/LE.....	604
O uso dos <i>laptops</i> educacionais como recurso para aprendizagem da escrita.....	612
O léxico ribeirinho presente na poética de J. J. de Souza.....	625
Cultura, identidade, hibridismo e estereótipo	633
Memória, narrativa e condições de produção: Gabriela, entre o cravo e a canela	649
A produção do discurso literomusical brasileiro para crianças – uma proposta de investigação discursiva	661
Traduções do português para o inglês e vice-versa: uma breve análise linguística de resultados gerados por tradutores eletrônicos	674
Quixote revisitado: uma análise comparativa de <i>Dom Quixote das Crianças</i> com o escrito cervantino.....	682
A figura feminina na literatura: uma análise discursiva de contos de Vera do Val e Márcio Souza	692
Professores do Ensino Médio de Manaus e a leitura	705
O perfil dos professores do curso de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, do Instituto de Natureza e Cultura: resultados em termos de ensino, pesquisa e extensão	718

Um estudo sobre os impactos causados à língua tikuna falada na região de fronteira do município de Benjamin Constant por conta da imposição da língua portuguesa.....	734
O cenário linguístico-cultural no espaço de fronteira de Guajará-Mirim/Rondônia-Brasil e Guayaramerín/Beni-Bolívia.....	749
O livro ilustrado infantil: a imagem nos contos de fadas	762
As realizações das vogais médias anteriores pretônicas em Manaus: reflexões sobre as interferências da oralidade na escrita durante os anos iniciais do Ensino Fundamental	770
A culpa é dos pronomes	782
Concepções acerca do que é ensinar Língua Portuguesa – uma análise do ponto de vista dos alunos finalistas do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas, campus Benjamin Constant.....	796
Estudo comparativo da variável <r> pós-vocálica medial nas capitais do Pará e do Amapá.....	811
Espanhol para a terceira idade	822
Linguística aplicada à alfabetização: práticas metodológicas ao ensino de Língua Portuguesa no 1º ano do Ensino Fundamental	830
A identidade linguística dos estudantes indígenas da Universidade do Estado do Amazonas - Brasil	845
A marcação de plural no sintagma nominal no português popular de Vitória da Conquista	856
A conversação juvenil: organização textual e familiaridade	868
“Emfim é o pior lugar que tinha visto”: histórias do português no Amazonas	882
Consolidação da escrita ortográfica em EJA.....	891
O processo de adaptação de <i>O Natimorto – um musical silencioso</i> para o cinema.....	905
O travestismo transgressor de Dorotéia em <i>O Quixote</i> e de Rosaura em <i>A vida é sonho</i>	913
Trabalhando oralidade e escrita em turmas de 6º ano	921
Práticas discursivas midiática e política: uma pesquisa sobre a política nos textos do Jornal Miriense	933

Pedagogia de projetos na educação infantil bilíngue.....	947
O uso do <i>blog</i> na formação de alunos críticos.....	962
Variação de tempo: a reportabilidade em narrativas de estudantes cegos e com baixa visão	972
O signo da tucandeira no ritual sateré - mawé: uma abordagem semiótica de um fenômeno de representação cultural	983
Análise linguística dos atos de fala em toadas de Boi-bumbá.....	1006
Uma leitura sobre <i>Dores, amores e assemelhados</i> , de Cláudia Tajés	1017
Estudos das variações linguísticas nas escolas públicas de Parintins.....	1027
O campo semântico “habitação” nas capitais pesquisadas no projeto ALIB	1035
Um olhar sobre os discursos produzidos em sala de aula de Ciências	1046
As habilidades de reconhecimento de palavras e de compreensão em leitura: uma análise cognitiva no contexto escolar	1061
Coleções fantásticas de Murilo Rubião	1073
A variação do ditongo /ey/ nos falares do Alto Rio Negro	1084
Michel Foucault e a noção de discurso: uma análise das estruturas discursivas referentes aos construtores navais de Novo Airão/AM.....	1095
Literatura infantojuvenil no Amazonas: um projeto expresso em paratextos editoriais	1107
Estilística gráfica	1122
O discurso do orgulho hétero: a reterritorialização do territorializado	1137

AS METÁFORAS CONCEPTUAIS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), além de ser a língua natural da comunidade surda, também reflete as singularidades do mundo surdo, onde ser surdo é fazer parte de uma realidade visual e desenvolver sua experiência na língua de sinais. No entanto, apesar de sua importância, ela obteve seu reconhecimento linguístico tardiamente, apenas em 2002, quando entraram em vigor a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

Por isso, mostram-se fundamentais estudos na área que visem descrever a língua e estudar mais detalhadamente suas características, de modo que preconceitos acerca dessa língua sejam desconstruídos e a singularidade lingüística do surdo seja respeitada.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar metáforas da Língua de Sinais citadas por alunos surdos do curso de graduação em Pedagogia no Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES), explicando de que forma são estruturadas.

Segundo a visão de Lakoff e Turner (1989), a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes, fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão do sujeito. Nessa nova visão, a metáfora não é mais vista apenas um ornamento linguístico, e sim estruturada no pensamento humano a partir das experiências que o falante tem com o seu próprio corpo e com o mundo que o cerca (Lakoff & Johnson, 1980).

Para tal objetivo, organizamos esta pesquisa em três partes. Primeiramente, trabalharemos com o conceito de metáfora conceptual. Na segunda parte, falaremos das oficinas de metáforas aplicadas no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Por último, abordaremos as metáforas citadas nas oficinas pelos alunos surdos e mostraremos de que forma são estruturadas, levando em conta a perspectiva da Linguística Cognitiva.

1 Metáforas conceituais

Antes de falarmos sobre as metáforas na Libras, mostra-se fundamental explicarmos o conceito de metáfora conceitual, com o qual trabalharemos neste estudo. Segundo Gibbs (2011), em sua obra “Evaluating Conceptual Metaphor Theory, Discourse Processes”, a maior revolução no estudo sobre metáfora ocorreu nos anos 80, com a Teoria da Metáfora Conceptual. Essa teoria explica que a metáfora não é apenas um aspecto da língua, e sim parte fundamental do pensamento humano e, assim, é problematizada a visão tradicional da época que estabelecia que a linguagem convencional é literal e que tudo nela pode ser descrito e entendido sem usar metáforas. (LAKOFF, 1993).

A partir dessa nova teoria, a metáfora começa a ser compreendida a partir de duas vertentes principais: a metáfora linguística¹ e a metáfora conceitual². Enquanto a primeira é a materialização verbal que estrutura sistemas conceituais a partir da compreensão de mundo do falante de uma língua, a segunda é estruturada no pensamento humano a partir das experiências que o falante tem com o seu próprio corpo e com o mundo que o cerca, que serão as experiências corporificadas (Lakoff & Johnson, 1980).

De acordo com Lakoff e Johnson (1980; 2002, p.46-48), “a essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”, o que significa dizer que as metáforas têm relações com o pensamento e a ação do falante, fazendo com que quase tudo que dizemos ou escrevemos tenha um conteúdo metafórico. Ademais, os autores propõem um modelo que categoriza as metáforas da seguinte forma:

(a) *metáforas estruturais* – definidas como um conceito estruturado em termos de outro, por exemplo, ‘pessoas são animais’; (b) *metáforas espaciais ou orientacionais* – que dão a um conceito uma orientação espacial; organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro a partir de várias bases físicas, sociais e culturais possíveis que estão enraizadas na experiência física e cultural e, por isso, não construídas ao acaso. Nas línguas orais ocidentais, ‘para cima’ vs ‘para baixo’ referem-se a estar bem/coisas positivas/bom vs estar mal/coisas negativas/ruim; e (c) *metáforas ontológicas*

¹ O autor também explica que as metáforas linguísticas podem ser classificadas, tradicionalmente, como: “mortas” (dead) e “vivas” (live). Assim, “metáfora morta” é aquela que não é mais considerada uma metáfora, e sim, vista como uma expressão que não tem mais o uso metafórico.

² Vale lembrar que, apesar de ser o mesmo conceito, alguns autores utilizam o termo “metáforas conceituais” para falar de “metáforas conceituais”.

– formas de conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias. Na metáfora ontológica, a mente é uma entidade. Objetos podem ser colocados dentro de um recipiente. (FARIA, 2006 apud LAKOFF e JOHNSON, 1980)

Além disso, com essa nova perspectiva, estudiosos começam a perceber que as frases da linguagem cotidiana são motivadas por diversos aspectos da metáfora conceptual. No entanto, como o uso de metáforas é automático e não exige esforço de interpretação, as utilizamos tão naturalmente que, muitas vezes, não percebemos sua existência (COHEN, 1979:05; LAKOFF e JOHNSON, 1999).

Como explicam diversos autores, a metáfora deixa de ser entendida como um simples ornamento do discurso e começa a ser vista como um elemento importante que se relaciona ao pensamento humano e norteia a linguagem, a maneira do ser humano ver o mundo e de se referir aos objetos que o cercam (LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999; ORTONY, 1993; KÖVECSES, 2003). Além disso, como explica Carvalho (2009):

Segundo a visão de Lakoff e Turner (1989), a metáfora é uma figura de linguagem que compara seletivamente destacando as qualidades de um sujeito consideradas importantes para aquele que a usa. Para eles, a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes, fazendo, assim, com que percebamos novos caminhos para a compreensão do sujeito. A metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal ao abstrato e uma maneira de expressar o pensamento abstrato em termos simbólicos. (CARVALHO, 2009)

Logo, na visão cognitiva, as metáforas serão mapeamentos do domínio conceitual fonte para o domínio conceitual alvo. É importante lembrar que nem todos atributos do domínio fonte são relacionados ao domínio alvo: entendemos o sentido da metáfora, porque, a partir do conhecimento que temos sobre o domínio fonte, tentamos fazer inferências nesse domínio para o domínio alvo, criando combinações e buscando sentidos.

Um exemplo que podemos citar é a metáfora “O amor é uma prisão”. No domínio do amor, há entidades que correspondem sistematicamente a entidades do domínio da prisão. Assim, a partir do mapeamento feito, usamos a ideia de “prisão” para entender a ideia mais abstrata, que é a ideia do “amor”.



Logo, a partir da metáfora “Casamento é uma prisão”, são criadas expressões linguísticas, como “*Estou presa a esta relação*”, “*Estou livre daquele namoro*”, “*Preciso me libertar deste casamento*”, entre outros. Logo, podemos perceber que na linguagem cotidiana utilizamos todo momento a metáfora “Amor é uma Prisão”, mas ela é utilizada tão naturalmente, que não nos damos conta que as construções linguísticas são metafóricas.

É válido lembrar também que, por ser um fenômeno, a metáfora envolve os mapeamentos conceituais e as expressões linguísticas. No entanto, para a teoria da metáfora conceptual, “a língua é secundária, no sentido em que é o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio fonte para o domínio alvo” (CARVALHO apud LAKOFF, G. In: ORTONY. A, 1993).

2 Oficina de metáforas

As oficinas foram realizadas nas dependências do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, localizado no Estado do Rio de Janeiro, no bairro das Laranjeiras, mais especificamente em sala destinada a cursos de extensão do instituto, no prédio da faculdade e pós-graduação.

As oficinas foram desenvolvidas para alunos surdos e ouvintes, numa perspectiva inclusiva. Elas tinham como objetivo trabalhar com as metáforas na Língua Portuguesa, abordando algumas figuras linguagem e utilizando diversos gêneros textuais.

Ademais, as oficinas de metáforas serviram também como locais de apoio, em que dúvidas sobre a língua portuguesa foram elucidadas, além de funcionar como um espaço de construção de conhecimento compartilhado, uma vez que os conceitos foram sendo formados paulatinamente, e em conjunto com a turma e com as docentes.

No entanto, no decorrer das oficinas, conforme os alunos surdos entendiam os conteúdos propostos, eles citavam diversos exemplos de metáforas da Libras que eram parecidas com as metáforas da Língua Portuguesa e exemplos de metáforas específicas da Libras.

3 Metáforas na Libras

O primeiro tipo de metáfora citado se refere à metáfora ontológica “O corpo é um contêiner”. Assim, vemos culturalmente o corpo como um recipiente que recebe e dá elementos. Já no caso da Libras, o verbo “assimilar”, que tem o sentido de entender o conteúdo, tem o movimento que aproxima o sinal do corpo, dando a ideia de colocamos o conteúdo dentro do nosso corpo. Além disso, esse verbo também abrange a metáfora “Conhecimento é um objeto”, já que o movimento que o falante faz lembra o de “pegar o conhecimento”, como se este fosse algo palpável.

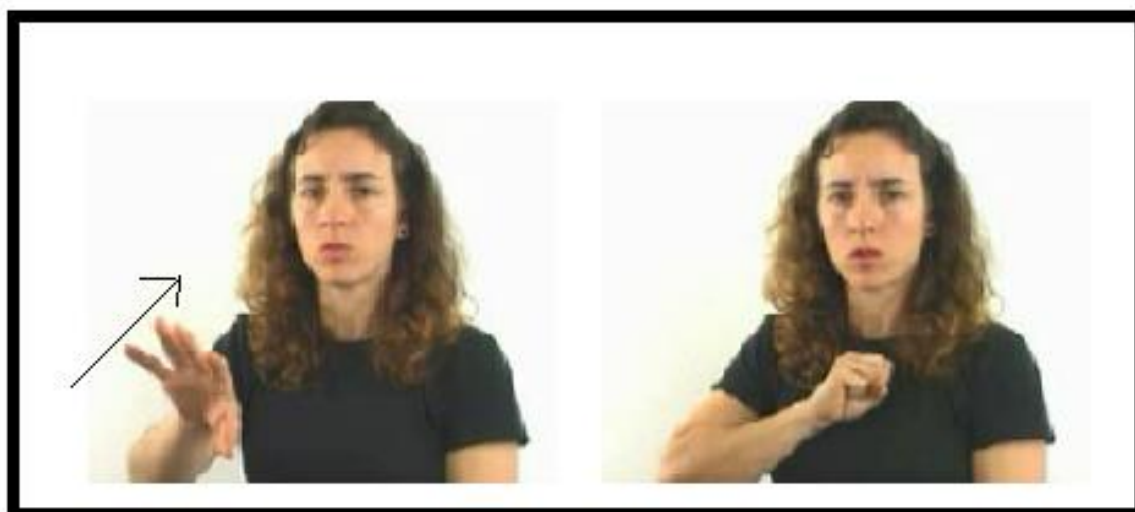


Imagem extraída do dicionário da Língua Brasileira de Sinais

Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

O segundo tipo de metáfora citado se relaciona com a metáfora orientacional “Tempo é movimento”, conceito proposto por Lakoff e Johnson (1980). Na cultura brasileira, o futuro é visto como algo que está na nossa frente, pois ainda está para acontecer, enquanto o passado é visto como algo que está atrás de nós, pois é algo que já ocorreu. O mesmo ocorre em Libras: o sinal de “futuro” apresenta o movimento da mão indo para frente, e o sinal da “passado” apresenta o movimento da mão indo para trás.



Imagem extraída do dicionário da Língua Brasileira de Sinais

Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>



Imagem extraída do dicionário da Língua Brasileira de Sinais

Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Outro exemplo de metáfora orientacional diz respeito à metáfora “Bom é para cima” e “Ruim é para baixo”, encontradas no sinal “sucesso” e “deprimido”. Enquanto no primeiro o falante faz um movimento com a mão para cima, no segundo sinal, o falante faz um movimento com a mão para baixo. Isso porque, culturalmente, atribuímos um teor positivo à palavra “sucesso” e um teor negativo à palavra “deprimido”.



Imagem extraída do dicionário da Língua Brasileira de Sinais

Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

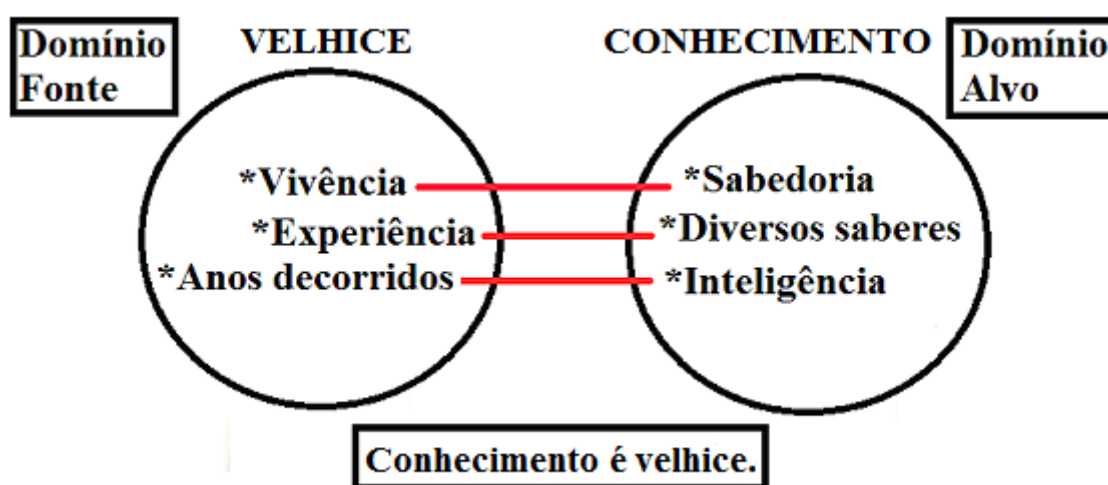


Imagem extraída do dicionário da Língua Brasileira de Sinais

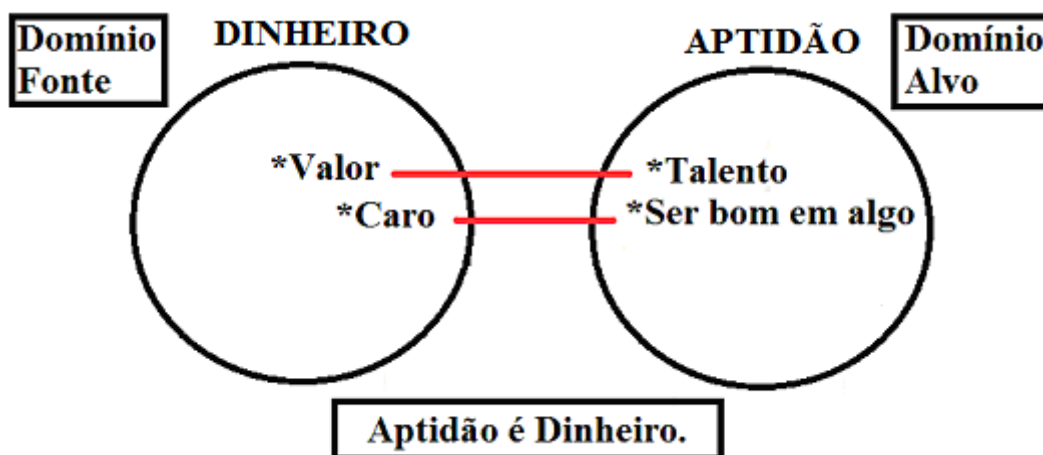
Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

O terceiro tipo de metáfora citado diz respeito à metáfora estrutural, que pode ser entendida como um conceito estruturado metaforicamente em termos de outro conceito. No caso da Libras, há metáforas específicas da Língua de Sinais usadas pelos surdos.

A primeira citada é “Conhecimento é Velhice”. A partir dessa metáfora, percebemos que há diversas construções linguísticas na Libras que refletem a sabedoria utilizando termos relacionados à velhice, como, por exemplo, o verbo “aposentar”. Esse é usado também para indicar que a pessoa já sabe tudo sobre um determinado assunto ou conhece como funciona tudo em um lugar, logo já se “aposentou” ali.



Outra metáfora que podemos citar é “Aptidão é Dinheiro”. Isso porque, culturalmente na Libras, há construções linguísticas que relacionam talentos a valor financeiro, como, por exemplo a expressão “olho caro”. Quando um surdo é atento, sabe tudo que acontece ao redor, dizem que ele tem um “olho caro”, de muito valor.



Um outro tipo de metáfora que também aparece na Língua Brasileira de Sinais é a metáfora imagética. Segundo Lakoff (1993, p. 229), essas metáforas são diferentes das metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais porque, enquanto essas são entendidas a partir de mapeamentos entre domínios conceituais, a metáfora imagética utiliza apenas imagens convencionais. Um exemplo que aparece na Libras é a expressão “ônibus cobra”, usada para indicar um ônibus que percorre caminhos longos e, por isso, dá muitas voltas e faz muitas curvas. Assim, a imagem das curvas feitas pelo ônibus é comparada à imagem das curvas do corpo de uma cobra.



Comparação imagética entre uma estrada com muitas curvas e o corpo de uma cobra.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo abordar questões relacionadas às metáforas na Língua de Sinais. Para tal objetivo, usamos o recorte teórico da metáfora

conceptual da Linguística Cognitiva, que tem como essência experienciar uma coisa em termos de outra, estando ligada ao pensamento humano.

Para tal objetivo, organizamos esta pesquisa em três partes. Primeiramente, trabalhamos com o conceito de metáfora conceptual. Na segunda parte, falamos das oficinas de metáforas aplicadas no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Por último, abordamos as metáforas citadas nas oficinas pelos alunos surdos e mostramos de que forma elas são estruturadas, levando em conta a perspectiva da Linguística Cognitiva.

Assim, estudos nessa área são fundamentais para que pré-conceitos sejam desconstruídos em relação à Língua de Sinais, como, por exemplo, alguns que acreditam que a Libras não é uma língua, porque não consegue expressar conceitos abstratos. A partir da pesquisa sobre a temática em questão, podemos concluir não só que esse pré-conceito está incorreto, como também que, assim como todas as línguas naturais, a Libras também tem metáforas, o que afirma a teoria de que o pensamento do surdo também é metafórico.

Eliminar o preconceito e reducionismos da sociedade é um caminho difícil, mas mudar a perspectiva e o olhar que temos em relação à comunidade surda é um fator fundamental para que haja a real inclusão. É preciso que seja desenvolvida uma visão crítica em relação ao contexto social atual, direcionando o olhar para os surdos e criando a consciência de que essa comunidade é composta por integrantes ativos em nossa sociedade.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, n. 79, p. 23, 25 abril 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], 7 Brasília, DF, n. 246, p. 28-30, 22 dez. 2005.

CARVALHO, Sérgio N. de Carvalho-Metáfora conceitual: uma visão cognitivista. Disponível em [HTTP//www.filologia.com.br](http://www.filologia.com.br) Acesso em 20/09/2009.

DECHANDT, Sônia B. A apropriação da escrita por crianças surdas. In: QUADROS, R. M.(org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

FARIA, Sandra Patrícia de. Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz? In: **Educação Temática Digital**. Campinas: 2006, v.7, n.2, p. 179-199.

FERREIRA-BRITO, L. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERNANDES, Sueli. Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações. In: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Grupos de estudos por área**. Curitiba, 2007.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIBBS JR., Raymond W. Evaluating Conceptual Metaphor Theory, Discourse Processes. 2011, v. 48, n. 8, p. 529-562.

NEVES, Monica Alvarez Gomes das. O processamento cognitivo da ironia. In: **Linguística**. Rio de Janeiro: 2006, v. 2, n. 2, p. 243 – 254.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. In: Mendes, E. G.; Almeida, M. A.; Williams, L. C. de A. (Org.). **Temas em educação especial IV**. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

_____. Língua de sinais: instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SALLES, Heloísa Maria M. L. [et al.] Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica, v. 1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SOUZA, Tanya Amara Felipe de. Uma breve retrospectiva da educação de surdos no Brasil (II). PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À EDUCAÇÃO DE SURDOS. In: **Libras em contexto: curso básico do estudante cursista**. Brasília: SEESP, 2001.

WILCOX, S. & WILCOX, P. P. Learning to See: Teaching American Sign Language as Second Language. Washigton, DC: Gallaudet university Press, 2000.